



II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
XIV FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO
XVII SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA
De 27 à 30 de abril de 2016 na Universidade de Santa Cruz do Sul.

A (RE)PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS COMO INSTRUMENTO DE INCENTIVO À LEITURA

Bruna de Cássia Pereira dos Santos¹ - I.E.E.M.B

Daniele Machado Codevila² - I.E.E.M.B

Mirieli da Silva Fontoura³ - I.E.E.M.B

GE: Arte, Cultura e Infância.

Resumo

Este trabalho visa relatar as experiências vivenciadas durante a (re)produção de histórias infantis realizada pelas alunas do terceiro ano do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto, da cidade de São Gabriel-RS. Essa atividade de produção textual vem sendo desenvolvida desde o ano de 2014 como parte integrante do

¹ Professora do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto; Especialista em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Franciscano e Fundamentos Linguísticos-literário-pedagógicos do processo de leitura e escrita e Graduada em Letras pela Universidade da Região da Campanha (Urcamp) - Licenciada em língua portuguesa, espanhola e respectivas literaturas. E-mail: brunapsantos@yahoo.com.br

² Professora do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto; Graduada em Letras pela Universidade da Região da Campanha (Urcamp) - Licenciada em língua portuguesa, espanhola e respectivas literaturas; Professora da Rede Pública de Ensino e Cursos Preparatórios em São Gabriel/RS. E-mail: danielecodevila@gmail.com

³ Professora do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto; Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria; Especialista em Literatura pelo Centro Universitário Franciscano; Licenciada em Letras pela Faculdade Metodista de Santa Maria e graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: mirielifontoura@yahoo.com.br

projeto *(RE)LEITURAS: novas perspectivas metodológicas de incentivo à leitura*, realizado de forma interdisciplinar nas disciplinas de literatura e língua portuguesa durante os três anos do Curso Normal desde 2013. Tendo em vista o aparato teórico e o processo reflexivo estimulado durante os dois primeiros anos do referido Curso, essa etapa dedicou-se à criação de histórias infantis adequadas ao contexto atual no intuito de abordar os temas transversais e os valores necessários à formação de um sujeito crítico e ciente do seu papel enquanto ser social. Dessa forma, após análise crítica dos contos que até hoje permeiam o imaginário infantil e fazem parte do cotidiano das crianças e, com base no suporte teórico de Bettelheim (1980), Freire (1993), Kleiman (1999), Koch (1998) e PCNs, foi possível elencar os temas que serviriam como pano de fundo para as histórias a serem criadas. Posteriormente, foram selecionados os gêneros literários a serem produzidos: fábulas e contos de fadas. Esse processo teve início com a turma dividida em duplas, cada uma com um tema motivador para nortear a produção textual. Concluídas as produções, passamos à confecção dos livros infantis. Nessa etapa, a turma dividiu-se em dois grandes grupos – o das fábulas e o dos contos de fadas – e selecionou os recursos imagéticos e estéticos a serem usados como meios para estimular a curiosidade do público-alvo a ser atingido: os alunos de Educação Infantil e anos iniciais de nossa escola. A partir disso, as normalistas oportunizaram a Hora do Conto com o auxílio de outros recursos para contar suas próprias histórias nas salas de aula. A culminância de tal projeto ocorreu através da encenação de uma história de cada gênero durante a Semana da Criança, no mês de outubro. Os livros confeccionados ficaram disponíveis no acervo pedagógico da Sala de Estágio e serviram de exemplo e estímulo para as produções posteriores.

Palavras-chave: Incentivo à leitura, Produção textual, Contos de fadas, Fábulas, Dramatização.

1 INTRODUÇÃO

Considerando o ato de ler como uma atividade voltada para a prática social e, conseqüentemente, indispensável para a emancipação sócio-cultural do indivíduo, Kleiman (1999), através de sua pesquisa sobre a aplicação da leitura na escola, reflete sobre um questionamento frequentemente ouvido no ambiente escolar: “Por que meu aluno não gosta de ler?”. Como resposta a esta problemática, a autora questiona, primeiramente, as propostas metodológicas utilizadas pelos professores em sala de aula

para, então, averiguar se estas estão ou não atendendo aos anseios do seu público-alvo, os estudantes.

Dessa forma, o presente trabalho consolidou-se nas disciplinas de língua portuguesa e literatura, como terceira etapa do projeto *(Re)leituras: novas perspectivas metodológicas de incentivo à leitura*, iniciado no ano de 2013, no Instituto Estadual de Educação Menna Barreto, escola pública no município de São Gabriel-RS.

O referido projeto tem como objetivo maior proporcionar aos educandos do Curso Normal uma reflexão acerca do papel que exercem enquanto incentivadores do hábito da leitura na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, destacando a importância do educador como mediador entre a leitura e as crianças.

Com base nas perspectivas promulgadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nossa proposta consistiu em realizar ações direcionadas para o universo da leitura, oportunizando aos alunos do 3º ano do Curso Normal um espaço para a (re)produção de histórias infantis. Nessa etapa, que teve sua primeira aplicação no ano de 2014, tais histórias contemplaram os temas transversais e valores pertinentes ao contexto em que se inserem os sujeitos leitores atualmente.

2 O INCENTIVO À LEITURA ATRAVÉS DE TEMAS PRESENTES NO COTIDIANO ESCOLAR

É fato que a Literatura Infantil surgiu junto à necessidade da (re)produção de histórias que contemplassem o universo da criança, abordando seus medos e anseios, bem como a necessidade de impor limites e padrões comportamentais inerentes à sociedade onde se inseriam. Por esse motivo, os contos populares ganharam a intervenção do maravilhoso, tornando-se contos de fadas, e animais ganharam voz para transmitir preceitos morais através das fábulas.

Tamanha foi a significação atribuída a essas histórias infantis e seus personagens, que elas se mantêm há séculos como referência de leitura às crianças, que ainda as ouvem atentamente, mesmo já conhecendo o seu final, ou seja, ora encantados por príncipes e princesas ora amedrontados por bruxas e animais famintos como o lobo. Dessa forma, emergiu diálogos entre os professores da área de linguagens a fim de (re)pensar junto aos estudantes do Curso Normal medidas de incentivo ao gosto pela leitura e ao mesmo tempo tendo como objetivo firmar outros modos de pensar os saberes na produção das linguagens, ao tornar possível a elaboração de práticas

pedagógicas, atravessadas pela ludicidade no processo de leitura/reescrita dos Clássicos da Literatura infantil, considerando as temáticas contemporâneas.

De acordo com o exposto, os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam o aprendizado da língua como um processo ativo do aluno e a leitura, a escrita e a reflexão sobre a língua, como práticas sociais de interação, pois:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – LÍNGUA PORTUGUESA, 1998, p.54).

Sendo assim, o primeiro passo para a realização das produções textuais foi a reflexão sobre o objetivo a ser alcançado por meio da leitura das histórias criadas pelos normalistas, na tentativa de problematizar as temáticas que contribuiriam na organização das práticas pedagógicas voltadas ao aguçamento da leitura no contexto escolar, bem como na formação de sujeitos críticos e agentes transformadores da sociedade, pois na visão de Koch:

A produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades; trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; é uma atividade interacional, visto que os interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual. (KOCH, 1998, p.22).

Partindo dessa perspectiva e, considerando os alunos da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental como os interactantes que complementaríamos as histórias produzidas com suas inferências e conhecimento de mundo, foram elencados os temas motivadores para alicerçar a produção das histórias: *amizade, lealdade, diversidade, solidariedade, humildade, perdão*, entre outros.

2.1 O processo de produção: da ponta da caneta a uma nova história

É comum no contexto da sala de aula, os professores, de modo geral, salientarem para os educandos a importância da leitura em nossas vidas, então, os professores da área de linguagens elencaram – junto aos estudantes 3º ano do Curso Normal – os temas a serem abordados como pano de fundo e selecionaram os gêneros para a elaboração

dos textos, sendo eles: fábulas e contos de fadas . Para isto, a turma do 3º ano do Curso Normal foi dividida, primeiramente, em dois grandes grupos: o que produziria as *fábulas*; e o que produziria os *contos de fadas*.

Vale destacar que essa divisão foi constituída no intuito de oportunizar, em um primeiro momento, um espaço para a reflexão acerca das características de cada gênero e, conseqüentemente, possibilitar a definição dos padrões estéticos referentes à confecção dos livros, bem como os recursos imagéticos, elementos fundamentais para estimular a curiosidade do público-alvo.

A partir de então, durante as aulas de língua portuguesa e literatura, iniciaram-se os processos de (re)leitura com vistas a potencializar a formação desses sujeitos leitores. Na sequência, a turma foi subdividida em duplas e, por sorteio, distribuídos os temas citados anteriormente. Essa subdivisão foi estabelecida pela turma, considerando-se as relações interpessoais existentes naquele espaço escolar, como também os conhecimentos de mundo que permeiam o imaginário de cada normalista.

Nessa perspectiva, Freire (1993, p.20) ressalta que a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

Dessa forma, após o diálogo reflexivo entre os colegas e professores-orientadores sobre a inserção do tema no cotidiano do aluno de educação infantil e anos iniciais, foi possível iniciar o processo de criação, delimitando a abordagem dos referidos temas, bem como os personagens e principais características que dariam vida às histórias. Durante essa etapa de reflexão/produção, os alunos lembraram os ensinamentos de Bettelhein (1980), na obra “A Psicanálise dos Contos de Fadas”:

Para que uma história prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIN, 1980, p. 13).

Sendo assim, inspirados nas brilhantes colocações assinaladas pelo referido autor, os normalistas, embora sendo adolescentes, tiveram um momento de retorno à

infância em busca dos elementos citados como indispensáveis para instigar no público-alvo o gosto pela leitura.

4 PRODUÇÃO E REVISÃO DOS TEXTOS: O EMERGIR DE NOVAS HISTÓRIAS INFANTIS

Nesta etapa de desenvolvimento, no decorrer do processo de produção dos textos, ficou pré-estabelecido que as duplas produziram suas histórias em sala de aula, durante os períodos de Língua Portuguesa e Literatura – disciplinas trabalhadas de forma interdisciplinar no desenvolvimento do referido projeto. Assim, as professoras envolvidas poderiam sanar as dúvidas referentes à estrutura do texto, construção dos parágrafos e dos diálogos entre os personagens e revisão ortográfica.

É importante ressaltar que, antes de iniciar produção das histórias, as professoras trabalharam aspectos referentes à estrutura e aos elementos do texto narrativo, através da análise de obras infantis que foram lidas, resenhadas e debatidas pelos alunos para a compreensão e assimilação dos procedimentos a serem seguidos na criação das histórias.

Após a revisão dos textos produzidos pelos normalistas, as duplas partiram para a materialização do trabalho: digitação e formatação das histórias. Igualmente, neste momento, eles definiram as ilustrações elegidas como meio para instigar a curiosidade do público-alvo. Nos anexos 1 e 2, ilustraremos o processo de produção textual concluído através de duas histórias produzidas, uma de cada gênero.

5 O PROCESSO DE CRIAÇÃO: VELHOS PERSONAGENS, NOVAS ROUPAGENS E O SURGIR DE NOVOS AUTORES

No contexto escolar, junto aos estudantes do 3º ano do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto – em 2014, vários foram os questionamentos, as preocupações e reavaliações construídas pelas duplas no processo de criação de suas histórias. No entanto, todas manifestaram algo em comum: a necessidade de colocar em suas histórias referências trazidas pelos clássicos que permearam suas infâncias e impregnaram seu imaginário de tal forma que tornou impossível um desprendimento absoluto.

Nas histórias produzidas, (re)surgiram velhos personagens conhecidos por todos, tais como Chapeuzinho Vermelho, Emília, as princesas e, nas fábulas, em sua maioria, foram selecionados como personagens aqueles animais constantes no gênero, como a ovelha e a raposa, por exemplo.

As influências dos clássicos lidos na infância também foram percebidas através de outros elementos do texto, como espaço e tempo. O conhecido “Era uma vez...” parecia ser estritamente necessário para iniciar as histórias, assim como o tradicional “foram felizes para sempre” no final.

Contudo, foi surpreendente observar a nova roupagem que os personagens ganharam, a forma como protagonistas e antagonistas de diferentes histórias se uniram para a resolução de conflitos, a inserção de novos junto aos antigos, o desprendimento das lições aplicadas nos contos e fábulas originais e a adequação às necessidades do cotidiano, o que tornou a experiência enriquecedora.

Vale ainda acentuar que, após as histórias formatadas e ilustradas conforme o estabelecido, as duplas retomaram os dois grandes grupos iniciais cujo objetivo era definir os parâmetros para a confecção dos livros, haja vista que o recurso visual aguça a curiosidade e a imaginação das crianças. Para tanto, os normalistas foram instigados a pensar de maneira minuciosa os elementos imagéticos para tais obras.

Além disso, os estudantes escolheram a cor a ser utilizada nas páginas, o título do livro e a imagem que representaria o conjunto de histórias de cada grupo. Durante esse processo, também selecionaram os materiais para a confecção das capas (figura 1). A consolidação desses procedimentos se deu com empenho, dedicação e cuidado, visto que a turma estava consciente de que seus livros, em breve, estariam nas mãos dos maiores e mais sinceros críticos: as crianças.



Figura 1: Livros confeccionados em 2014 pelos alunos do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto - São Gabriel/RS

Por fim, com os livros prontos, organizamos no cenário escolar *A hora do conto*, onde todas as histórias criadas pela turma (3º ano do Curso Normal) foram apresentadas para os estudantes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nos dois turnos da nossa escola.

Desta forma, vale ressaltar que para uma primeira experiência, selecionamos a nossa escola – o Instituto Estadual de Educação Menna Barreto – para a aplicação dessa atividade, já que a Unidade de Ensino contempla todos os níveis de ensino. Além disso, o público-alvo presenciaria a encenação das histórias durante a Semana da Criança e, conseqüentemente, estabeleceria analogias entre o seu imaginário e a concretização das histórias através das encenações.

No dia firmado para a execução da *Hora do Conto*, os normalistas se reorganizaram em duplas, conforme acordado durante a produção dos textos e, assim, definiram o tempo que ocupariam para contar suas histórias e interagir com as crianças, na tentativa de transformar o espaço da escola, em um momento de (re)significações tendo como base a ludicidade, impregnada pela magia advinda desta atividade diferenciada de incentivo à leitura (figura 2).



Figura 2: Registro da “Hora do Conto” realizada pelos alunos do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto - São Gabriel/RS, no ano de 2014.

O processo de contação de histórias foi realizado na sala de aula das turmas dos segmentos já mencionados, durante esta atividade, as professoras-orientadoras acompanharam todo o percurso traçado nesta etapa. Nesse momento, foi possível perceber a curiosidade das crianças em relação aos livros produzidos, bem como a aceitação das histórias, o que se evidenciou através das expressões faciais do público-alvo e das intervenções que faziam enquanto os alunos do Curso Normal contavam as histórias.

Dessa maneira, ao relatarem as experiências vivenciadas perante os estudantes da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, os educandos do Curso Normal demonstraram imensa satisfação pelos resultados alcançados e, principalmente, motivaram-se ainda mais para a dramatização das produções, devido às manifestações das crianças.

6 PROFESSORES INCENTIVADORES: INTERVENÇÃO MOTIVACIONAL

Tendo em vista que o projeto *(Re)leituras: novas perspectivas metodológicas de incentivo à leitura* nasceu do desejo de três professoras de constituir atividades diferenciadas voltadas para o Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto a fim de refletir acerca da importância do educador como incentivador do gosto pela leitura, partindo dessa premissa, consolidou-se o projeto citado na tentativa de construir espaços-tempos para a realização de medidas de incentivo à leitura.

Dessa maneira, a fim de afetar os normalistas nesse momento, fez-se necessário nos posicionarmos não somente como mediadoras do conhecimento, orientando os procedimentos e estabelecendo a relação entre teoria e prática, mas também como protagonistas desse processo de construção do fazer educação.

Sendo assim, após a realização de discussões sobre o referido projeto, iniciamos o planejamento de uma intervenção motivacional. Logo, reunimo-nos enquanto grupo de professoras envolvidas e criamos a primeira (re)leitura, a qual teve como base o encontro entre três personagens bem conhecidas da literatura infantil: Chapeuzinho Vermelho, Emília e Bela Adormecida.

Nessa perspectiva, juntas, elaboramos um roteiro que permitisse o encontro dessas três personagens com histórias tão distintas, intitulado *Um encontro inacreditável*. Tal peça iniciava com a personagem Chapeuzinho Vermelho entrando em cena e contando sua história. No entanto, no decorrer de sua narrativa era interrompida pela personagem Emília, cujo pó de pirlimpimpim havia utilizado para conhecer o tão comentado mundo dos contos de fadas, que num primeiro momento não lhe pareceu nada extraordinário. Na sequência, Chapeuzinho Vermelho estranhou a presença da boneca Emília, afirmando que não a conhecia. Em contrapartida, Emília, conhecida por sua personalidade irreverente, tratou de se apresentar, sendo interrompida por uma terceira personagem: A Bela Adormecida, porém, com uma roupagem mais moderna. Nessa história, a princesa também é amaldiçoada, mas o feitiço que lhe atingira fazia com que atravessasse as noites na internet e dormisse à luz do dia, o que dificultava a sua aproximação com o príncipe, com quem havia marcado encontro nas redes sociais, entretanto, não sabia se conseguiria chegar a tempo de desfazer-se do encanto. Nesse enredo, quem soluciona o conflito é Emília, que rapidamente aprende a acessar a Internet e providencia uma passagem aérea para que a princesa chegue a seu destino antes de dormir novamente. No entanto, frisa para a mesma que a quebra do feitiço não depende de nenhum príncipe, mas sim, de seu esforço em usar menos tempo nas redes sociais e dormir na hora certa, para permanecer acordada durante o dia.

A apresentação do espetáculo transcrito anteriormente ocorreu junto às organizadas pelos educandos do Curso Normal como parte integrante do projeto, na Semana da Criança. Assim, buscamos enaltecer todo o aprendizado desenvolvido até o presente momento, tendo como público-alvo os normalistas e os alunos da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

É importante enfatizar que o fato de realizarmos todos os procedimentos os quais ensinamos em sala de aula, ou seja, estarmos da mesma maneira que os normalistas, sob o mesmo enfoque em construir o enredo, caracterizar as personagens e, por meio de ensaios, buscar o aperfeiçoamento para que o teatro ocorresse conforme o planejado, serviu como significativa ferramenta de motivação para a efetiva participação dos estudantes, haja vista que os mesmos afetaram-se nesse processo. Na ocasião, os educandos perceberam a importância de levar esta vivência como parte da bagagem, a fim de ser utilizada futuramente nas atuações enquanto educadores e agentes de transformação social.

7 TEATRO COMO FERRAMENTA DE INCENTIVO À LEITURA: DO IMAGINÁRIO DAS CRIANÇAS AO PALCO

Levando em consideração o exposto até então, após a apresentação dos livros e realização da *Hora do Conto* nas turmas de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, constituiu-se novamente em sala de aula um espaço para reflexões acerca da recepção do público infantil no que tange às novas histórias e, também, às transformações sofridas por alguns personagens já conhecidos de outros contextos.

Nesse sentido, a troca de experiências vivenciadas durante a contação de histórias serviu como ponto de partida para definir novas perspectivas metodológicas a respeito das encenações, isto é, a forma como os normalistas abordariam os elementos indispensáveis nas narrativas, bem como a caracterização das personagens. Para isto, a turma promoveu – democraticamente – a escolha das histórias que seriam encenadas, pois desde o princípio ficou acertado que encenariam ao menos uma história de cada gênero.

Vale ressaltar que a aceitação das novas histórias por parte das crianças foi tão surpreendente e compensadora que, em lugar de duas, os normalistas selecionaram quatro produções textuais para serem ensaiadas e, posteriormente, encenadas. Todavia, mesmo sabendo que se tornaria mais dispendioso e cansativo, dada a necessidade da realização de mais ensaios, bem como das trocas de roupas e de cenário, ainda assim, os educandos decidiram por ampliar tais encenações. Assim, durante rodas de conversa sobre os preparativos para o espetáculo, de maneira coletiva, foram selecionadas as histórias que tinham um maior número de personagens, de modo a encaixar todos os colegas nas referidas apresentações.

Na Semana da Criança no Instituto Estadual de Educação Menna Barreto, cujo evento proporciona diversas atividades diferenciadas, com data e horário previamente agendados na Supervisão da referida Escola e, junto aos estudantes de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, reunidos no pavilhão – local de realização das apresentações – os educandos do 3º ano do Curso Normal chegaram à culminância da proposta de produção: a encenação de suas próprias histórias (figura 3).



Figura 3: Encenação da Fábula intitulada – O Burrinho e a Coruja - realizada pelos alunos do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Menna Barreto - São Gabriel/RS

Conforme o esperado, a última etapa do projeto se deu – da mesma forma que iniciamos – por meio de espaços dialógicos, onde os normalistas ressaltaram o quanto iniciativas diferenciadas de incentivo ao gosto pela leitura proporcionaram momentos prazerosos, de muito aprendizado e, especialmente, troca de vivências. Sendo assim, as reflexões ancoradas tanto nas teorias abordadas até o presente momento, bem como na trajetória percorrida no decorrer de cada etapa, possibilitaram aos estudantes a percepção da importância do papel do educador no que trata de práticas de incentivo ao gosto pela leitura, e de todo esse processo no fazer educação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando na ocasião de encerrar/avaliar os “resultados” de uma prática pedagógica voltada para o incentivo à leitura e escrita, toda a consideração que se fizer sempre parecerá aquém daquilo que, de fato, foi. Isso porque trabalhar com a leitura, ou melhor, começar a trabalhar com a leitura e a escrita em sala de aula, não é uma tarefa cujo respaldo será logo alcançado. Seus benefícios serão, em sua maioria, percebidos a longo prazo, a partir do momento em que o ato de ler e escrever fizer diferença na vida dos nossos alunos.

No entanto, foram várias as considerações obtidas ao término desta última etapa do projeto. Com relação aos alunos do Curso Normal, acreditamos que no decorrer do processo puderam ter ciência do compromisso assumido quando aceitaram a proposta de se tornarem incentivadores do gosto pela leitura, pois foi de riquíssima validade ter a

oportunidade de praticar todos os conhecimentos acerca do trabalho com leitura e produção textual que, num primeiro momento conheciam apenas teoricamente. Através da integração, o normalista pôde, com segurança, reconhecer que além de todo o conhecimento que precisa ser adquirido, é necessário, também, trabalhar com a adequação destes em relação ao público para o qual se dirigirão.

Quanto à questão da encenação das histórias produzidas, o teatro tornou-se instrumento de socialização, através do qual estes, orientados pelas professoras-orientadoras, aprenderam a trabalhar, a criticar e receber críticas pertinentes, a valorizar e estimular o trabalho alheio, porque o teatro é formado pelo conjunto homogêneo dos participantes.

Por fim, cabe ressaltar a importância que práticas como a descrita assumem quando formuladas dentro da Escola, espaço onde temos a possibilidade de repensar constantemente o nosso compromisso enquanto educadores, mais ainda quando estamos atuando na formação de futuros colegas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais - 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Língua Portuguesa**, 1997.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 8.ed. Campinas: Pontes/ Editora da Unicamp, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1998.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

ANEXO 1

O Burrinho e a Coruja



Em uma floresta não muito distante daqui, existia a Escola Estadual da Grande Floresta. Lá estudavam todos os animais da região, sob a direção da professora Joana, que tinha uma boa nova para os alunos:

– Bom, pessoal! Devido ao acidente ocorrido na semana passada com a professora Zebrina, quero apresentar a vocês a nova professora que a substituirá, a senhorita Corujina.

Os alunos, no mesmo instante em que a viram, ficaram boquiabertos com a delicadeza da nova professora.

– Boa tarde, crianças! Como estão? – Perguntou dona Corujina

– Muito bem! – Responderam os alunos.

– Soube que são os melhores alunos e mais inteligentes da escola! – Elogiou dona Corujina.

– E além de inteligente, sou o mais belo, o príncipe das florestas, savanas e talvez do mundo inteiro! – Disse o tigre, modesto como sempre.

– Mas de que adianta serem belos e inteligentes se vocês não têm leveza e agilidade como nós! – Disseram as borboletas.

– Ai, ai, ai! Eu não acredito que vocês estão discutindo. Parem já com isso e tenham calma, muita calma, porque se não tiverem calma como eu, vocês só se meterão em brigas! – Disse calmamente Tortuguita (a tartaruga mais lenta de todas de sua espécie).

E assim os alunos foram listando as vantagens de sua espécie. Mas a professora notou que um aluno nem sequer a olhava.

– Vejo que vocês têm muitas qualidades, mas gostaria de saber o que têm a dizer sobre aquele aluno que está lá no fundo da sala.

E ela apontou para o Burrinho que, ao ser citado, tremeu-se todo.

– Ele não fala e nem faz nada! – Disse a borboleta.

– Por quê? – Perguntou a professora, espantada.

– A voz dele, só para começar, é muito chata! Ele se atrapalha nas brincadeiras e derruba a gente. – Disse o tigre.

– Eu não acredito, venham comigo! – falou dona Corujina.

A professora levou todos para fora, começou a explicar algumas coisas a seus alunos e pediu para que formassem uma roda. Assim ela iniciou a conversa:

– Por onde eu começo? Os macacos, quando pulam de galho em galho e os caçadores estão por perto, não seria bom ter alguém de voz ativa para alertá-los do perigo? E os tigres, quando desfilam sua beleza por aí, e se alguém desejasse ter um tapete feito de sua pele, não seria bom ter um amigo forte para defendê-los? E os sapos, que saltam pela floresta! Quando estão perto de virar isca de pescador, não seria bom ter alguém para livrá-los do perigo? E os pássaros, quando estão vigiando o céu, não precisam ter alguém que fique parado por um tempo para vigiar o chão?

– É professora! A senhora tem razão! – Falaram os alunos.

– Mas que bom amigo seria esse de quem a senhora está falando? – Perguntou a sapinha.

– É do Burrinho que ela está falando! – Intrometeu-se na fala da professora o macaco. – Pois ele é forte, tem a voz ativa, e pode ficar parado por um bom tempo.

A partir daí, todos os animais de todas as espécies viveram em plena harmonia na escola e na floresta, graças à sábia coruja que os fez perceber como é bom conhecer as qualidades de todos aqueles que estão à nossa volta.

MORAL: Não julgue as pessoas sem conhecê-las melhor!

Autoras: Carla Macedo Gomes e Paola dos Santos Ávila.

ANEXO 2



Emília no Mundo das Princesas

Em um dia muito lindo, no Sítio do Pica-Pau Amarelo, Emília resolve aprontar com tia Nastácia. Comeu todo o bolo que tia Nastácia tinha feito para o café da tarde e ela ficou furiosa, pois o bolo era para todos e Emília comeu ele todinho sozinha.

Então, Dona Benta resolveu ter uma conversa muito séria com Emília, pois ela não pensou nos outros, pensou apenas em si.

– Emília, sua danada, você não deveria ter comido todo aquele bolo sem a permissão da tia Nastácia, pois este bolo foi feito para todos comerem juntos no café. – Disse dona Benta.

– Dona Benta!!! Me perdoe, mas aquele bolo estava muito delicioso. Eu só peguei um pedacinho! – Disse Emília.

–Você não teve educação! Sente-se aqui e leia este livro para que você aprenda a ter respeito e boas maneiras.



Quando Emília abriu o livro, um mundo mágico apareceu. Nele haviam várias princesas muito educadas...ou nem tão educadas assim!

Cinderela, Bela Adormecida e Branca de Neve estavam numa briga feia. Elas estavam discutindo qual das três histórias era a melhor.

– Rum! Minha história é a melhor! Tenho o sapatinho mais lindo e desejado dos contos de fadas. –Disse Cinderela.

– Há há há ! E quem disse que sapato é tudo? Tenho sete amigos muito carinhosos! – Disse Branca de Neve.

– Ai, ai, que sono! Ainda acho que a minha história é a melhor de todas! – Disse Bela Adormecida antes de cair no sono.



Em meio a toda essa discussão, eis que surge o lobo.

– Olá, princesas! Por que toda essa gritaria? O que está acontecendo?

– Essas duas aí estão dizendo que as histórias delas são melhores que a minha! –

Exclamou Cinderela

– Claro! Minha história é linda. – Insistiu Bela Adormecida.

– Veja essas princesas tão lindas brigando, Emília! Vou ensiná-las um pouco! – Prosseguiu o lobo. – Ei, princesas! Aprendam aqui com o lobão! Todos devemos saber respeitar os outros. Ei, acorde Bela! Branca de Neve, sua história é muito boa, você tem amigos que lhe adoram e juntos são muito alegres! Cinderela, seu sapato é tão bonito! Aposto que suas amigas adorariam que você emprestasse para elas.

– Será? – Perguntou Cinderela.

– Pois é, eu gostaria muito!

– Respondeu Branca de Neve.

– Ah, eu também! – Disse Bela Adormecida.

– Mas só se dividisse seus amigos comigo, Branca! E você, Bela, se me convidar para uma das suas festas do pijama! – Disse Cinderela.

– Claro que sim, pois daí seremos todas grandes amigas. Vou gostar muito! – Afirmou Branca de Neve.

– Ótima ideia! Com mais amigos será uma grande festa do pijama. – Acrescentou Bela Adormecida.

– Muito bem, meninas! Assim que tem que ser, respeitar as diferenças dos outros! – Concluiu o lobo.

Então, Emília aprendeu que ela não era melhor que ninguém, que não deveria ter comido o bolo todo sem pensar nos outros. Largou o livro e foi correndo pedir desculpas para tia Nastácia. Prometeu que nunca mais iria fazer isso.

E todos viveram felizes para sempre, tanto no mundo encantado quanto no Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Autoras: Darlene Abade e Gabriela dos Santos.

